

As mãos que envelhesejam...

Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sobre outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos...

Ítalo Calvino¹



As mãos do artista III – Henry Moore²

Se alguém me perguntasse “quando você percebeu que estava envelhecendo?” Ou se eu me perguntasse “estou envelhecendo?” Eu diria que foi quando olhei para minhas mãos. E neste dia mudei o meu ponto de observação e comecei a buscar a minha leveza para me permitir voar e também sonhar.

Não me reconheço
nas minhas rugas
As mãos que envelheceram
E nem percebi.

Agora essa verdade
me encontra
tão nua, tão despreparada
tão fora de mim.

Será que ainda há tempo
para voar, sonhar
com cabelos mais bonitos
E um amor sem sentido
Ou preciso olhar novamente
estas rugas
E compreender os seus avisos.

CVaz –maio 2020

No começo um estranhamento ao olhar para as minhas mãos, nem lembro exatamente como elas eram mas algo me tocou porque senti o quanto elas mudaram... e eu também. Envelhecer, como entender, viver e experimentar isso?

¹ CALVINO, Ítalo. (1990). Seis propostas para o próximo milênio, p. 19.

² <https://www.tate.org.uk/art/artworks/moore-the-artists-hand-iii-p02909>

Lendo sobre a filosofia de Deleuze e seus devires como alicerces para uma pesquisa em Matemática e Arte adentrei um território até então desconhecido que me permitiu fazer conexões e uma “desterritorialidade” ainda não experimentada, encontrei um novo ponto de observação como diz Calvino.

Como desafio para mim e meus parceiros de pesquisa propus que cada um escolhesse um conceito deleuziano explorado no texto **El deseo según Deleuze por Maite Larrauri**³, falasse sobre este conceito e apresentasse uma “cartografia” autoral ou não. Do texto escolhi o conceito de “devir” e para minha cartografia escolhi o tema “devir-velho”. É uma cartografia que mistura-se com as reflexões de Maite Larrauri sobre devir, as reflexões de Adriana Azevedo e Ricardo Niquetti⁴ sobre envelhecer, as obras “as mãos do artista” de Henry Moore e tudo aquilo que eles e elas deixaram em mim e me permitiram buscar uma linha de fuga da lógica contemporânea sobre envelhecer (que sempre me incomodou e sempre me incomodará tanto, tanto ao ponto de doer...).

É uma cartografia não-autoral e autoral. O que isto quer dizer? Como ainda não me sinto capaz de explicar o pensamento de Deleuze buscarei nos autores e autoras citadas as explicações que pretendo abordar e os entremeios destes escritos serão “contaminados” pelas obras do artista Henry Moore e pelos meus poemas. Deste modo, trata-se de uma “Collage”.

A colagem é conhecida como um procedimento artístico que consiste em unir pedaços de papel liso, estampado, pintado ou impresso (jornais, embalagens), cartão, tecido ou pequenos objetos sobre um suporte geralmente plano. Começou a ser praticada por diversos grupos de artistas plásticos a partir dos primeiros anos do século XX, mas técnicas análogas foram usadas por músicos e poetas.

Max Ernst disse que

a técnica da colagem é a exploração sistemática do encontro casual ou artificialmente provocado de duas ou mais realidades estranhas entre si sobre um plano aparentemente inadequado, e um cintilar de poesia que resulta da aproximação dessas realidades (Ernst, 1974, p. 49)⁵.

Essas indagações permitem pensar a colagem provocadas pelo acaso. A autoria passa a ser questionada: o autor, como o poeta ou o pintor, apenas torna visíveis ou manifestas estruturas já existentes. A colagem não agrupa qualquer resto de papel só porque ele está à disposição para ser colado. Há uma seleção prévia, subordinada ao acaso e supostamente às forças do inconsciente, o que é completamente diverso de uma atitude que propositalmente faz um inventário das diferenças, como um catálogo, e junta todas as nuances (como se isso fosse possível) numa listagem que será chamada de colagem, e elogiada como criativa. A colagem não está preocupada em dar visibilidade ao diverso; ela busca descobrir as relações entre os elementos que ocupam um mesmo espaço. A colagem é seletiva.

Fracionar e rejuntar, como faz a colagem, não repõe a unidade quebrada. Ela não pasteuriza nem pacifica. Há diferenças que não cabem em determinadas formas, mas cabem em outras. Não é mero colecionamento, justaposição. A diversidade cultural não é abolida numa suposta universalidade globalizada, nem o multiculturalismo deveria ser confundido com a inegável tendência à diversificação,

³ <https://vertov14.files.wordpress.com/2011/01/larrauri-el-deseo-segun-deleuze.pdf>

⁴ <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/2590>

⁵ ERNST, M. (1974). *Maximiliana, l'exercice illégal de l'astronomie*. München: Bruckmann.

mesmo sob pressões homogeneizadoras e pasteurizadoras. Diverso não é sinônimo de equivalente, assim como os fragmentos da colagem não são substituíveis entre si. Juntar um aglomerado de fragmentos não compõe uma colagem (PASSETTI, 2007).⁶

Neste sentido, entenderemos Collage como uma ação de aproximação (um encontro) de elementos (textos, imagens, desenhos, etc) que se “contaminam” entre si para formar um arranjo. É um ato de provocação com estes elementos. Portanto, Collage é um meio de expressar os entrelugares para compor um arranjo da subjetividade do autor da colagem. Assim, esta cartografia pretende ser uma Collage entre os textos de Larrauri e Azevedo & Niquetti, as imagens de Henry Moore e os meus poemas de modo a formar um arranjo do meu devir-velha.

A lógica atual do envelhecer

Uma lei? Uma verdade universal imutável?

Atualmente o lugar do velho remete a um conjunto de impotências e limitações, deste modo buscam-se meios de afastar essa condição limitadora e aterrorizante que perpassa a velhice. Para isso, as ciências médico/biológicas concentram seus esforços na tentativa de controle das mudanças psicofísicas ocorridas no processo de vida, buscando reduzir as alterações que um corpo sofre ao envelhecer, ou seja, conservá-lo o mais sadio possível. Dentro dessa lógica, vigora uma concepção de saúde diretamente relacionada a uma identidade jovem, sendo o problema posto a partir de um princípio de oposição, em que a velhice é o polo negativo.

Nossa linguagem é a do ser, da identidade, a linguagem dos contornos fixos, aquela que diz que se é feminino, branca, ocidental. O particular está inserido nesses universais como Sócrates na totalidade dos homens. "Mulher", "branca", "ocidental" são os rótulos pelos quais captamos o mundo, são os elementos de identificação de um sujeito. E ainda, Deleuze nos diz, não é aí que está o importante, porque o que é importante é o que acontece, o que passa, o que muda. A lógica da vida não é uma lógica do ser, mas de tornar-se, do devir.

Capturar o devir de uma linguagem do ser é uma tarefa árdua. Quando dizemos que "um adulto tornar-se um velho", tendemos a compreender esse movimento dentro da lógica do ser. Colocamos os dois extremos "adulto" e "velho" e "tornar-se" no meio: os dois polos de contornos fixos "adulto" e "velho" são novamente importantes nesta frase e o que acontece entre é desconsiderado, é nada além do trânsito de um ponto fixo a outro ponto fixo. Sabemos o que é um adulto e o que é um velho, mas pouco ou nada sabemos sobre o movimento pelo qual passamos de adulto para velho. Empurrados por essa mesma lógica, queremos que as passagens sejam rápidas, porque os termos da partida e da chegada é que são o fundamental. Para expressar a vida, para não aprisioná-la, teríamos que pensar em mudar a frase "o adulto tornar-se velho" por

⁶ <https://revistas.pucsp.br/index.php/pontoevirgula/article/view/14312>

"o tornar-se velho de um adulto" ou "o devir velho de um adulto", na qual fazemos do predicado um sujeito, ou podemos inventar um verbo que expressaria essa relação.

E mesmo assim ainda reside outra dificuldade ligada à nossa forma de entender o devir. Mesmo pensando nos termos já citados - "o devir velho de um adulto", concebemos o devir como um movimento de imitação, o adulto para se tornar um velho deve preservar os atributos do jovem adulto: restituímos, assim, a prioridade do "ser um jovem adulto" e "ser um velho". A pergunta "o que você está se tornando?" Continua sendo fundamental para nós. Ou seja, é uma outra maneira de perguntar a mesma coisa: "O que é você?", assim ainda continuamos na lógica do ser.

Para sair dessa lógica, é preciso pensar o devir não em termos de "fazer como", mas de "deixar fazer". Não imite, mas deixe-se contagiar. Na imitação, não há mudança ou movimento, existem adultos e existem velhos. No contágio há fusão e a possibilidade de algo novo emergir. O devir-velho mudará ao atravessar aquele adulto, quando combinado nele com outros movimentos.

Verdejar-envelhecer

Como envelhece o corpo na perspectiva da filosofia da diferença?

O modo corriqueiro de pensar um organismo é a partir de seus atributos: por exemplo, posso dizer que a árvore é verde; assim, o atributo verde é que define o sujeito árvore. Essa relação de um predicado dizer algo de um sujeito é uma das maneiras de tomar a questão da velhice. Posso dizer que tal pessoa é velha, o que significa que velha define uma condição de vida, uma identidade.

No entanto, um sujeito-organismo não se constitui por atributos, mas sim por singularidades pré-individuais que se engendram num campo imanente a cada ser singular. Trata-se de um *corpo sem órgão*⁷ envolvendo esse organismo, de uma multiplicidade de singularidades povoando esse campo e se atualizando em diferentes modos de vida, sendo a velhice um desses modos.

Retomando o exemplo da árvore, como sugere Deleuze, em *Lógica do sentido*, dizemos que aquilo que a constitui é um verdejar, não mais um predicado qualitativo como verde, mas um verbo no infinitivo⁸. O verbo no infinitivo exprime o tempo do acontecimento, do devir. É nele que o sujeito varia em velocidades e lentidões sempre distintas, em múltiplos processos de individuação. É esse *entretempo*, esse sentido que transpassa a proposição, que não está presente na predicação. Envelhecer é o acontecimento que precede a "condição" de velho atribuída a um sujeito.

⁷ Um corpo sem órgãos é um corpo desorganizado, como seria o corpo de um bebê, pura vitalidade poderosa que busca expandir suas próprias forças: um corpo feito de afetos, de intensidades, onde se encontram limiares, zonas, polos. Um corpo como vontade de potência. (Larrauri)

⁸ A linguagem na nossa cultura divide o mundo em sujeitos e predicados. Sujeitos existem como suporte para predicados. Gramaticamente, consideramos que predicados acontecem a sujeitos, e eles acontecem porque existem sujeitos (seres humanos, animais, plantas, lugares, objetos) dos quais é predicado. Nossa lógica, a lógica que usamos para nosso raciocínio é baseada nesta dicotomia. (Larrauri)

O que seria este “entretempo”? Seria o tempo que comecei a olhar para minhas mãos? Poderei versejar meus ritornelos para me movimentar no meu território ora invadido ora deserto?⁹

"O tempo não para não para não, não para"
De súbito 6.1
As rugas das minhas mãos
Não as reconheço
As da boca
São dos gritos e dos desejos
As do pescoço
São das agonias e dos medos
O tempo me tirou muitas coisas
E me deu tantas outras
Para algumas foi rápido demais
Para outras, lento muito lento
O tempo permitiu alguns acessos,
E mudar meus trajetos
Fui me buscando, me perdendo,
Me encontrando
E compondo o meu verso
Este que me acontece, que me invade
Que me atravessa.
Hoje algumas vozes retornam
Ouço seus pedidos,
recolho seus avisos
E revisito alguns lugares
O tempo me deu amor
Intenso intenso
Rápido rápido
Belo belo
Guardo tudo no baú dos afetos
Minhas eternidades, meus desertos
E o meu tempo, o meu tempo
Não para não, não para.

CVaz- dezembro 2020

De repente, começo a cantarolar a música “ O tempo não para” do Cazuzza que eu cantava muito tempo atrás, assim vou me “desterritorizando” e meu entretempo vai acontecendo..

Hoje reli o texto do Rubens Alves - O tempo e as jabuticabas. Parece incrível como um texto pode te tocar de modo diferente em diferentes momentos. Foi assim comigo e este texto. Nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio - disse Heráclito. Ouso dizer que nunca "nos banhamos duas vezes" na mesma leitura. E para "roer até o carroço" é preciso aproveitar melhor o tempo. A juventude não permite isso. Quando jovens achamos que temos todo tempo do mundo. Esbanjamos tempo. Desperdiçamos tempo. Ignoramos o tempo. Mas ao envelhecermos ressignificamos o tempo. Eu não tenho uma bacia cheia de jabuticabas (gostaria de ter, adoro jabuticaba), mas sei dos meus rochedos, aqueles que parecem falar do meu tempo. Envelhecer é descobrir quão valioso é o tempo. É descobrir um tempo companheiro, conselheiro e aliado. É entender que apesar da morte caminhar sempre ao nosso lado (porque podemos morrer a qualquer momento), ela caminhava invisível e calada, agora ela se faz presente, serena e amável. E quer me dizer algo. Quer

⁹ O território é devir, torna-se, deixa-se invadir ou ser invadido, povoa-se, deserta-se. (Larrauri)

falar comigo. É preciso saber ouvi-la. Isso muda tudo. Muda o tempo. Não é à toa que o tempo é relativo. Depende de muitas coisas, assim é o tempo da alma. Mas não penso que signifique dizer: "aqui e agora". Algo urgente e imediato. Penso que significa dizer "até aqui". Significa fazer pausas (cada vez mais longas). Significa buscar o essencial, a essência, o verdadeiro. Significa evitar o desnecessário, o superficial, o complicado. "Minha alma tem pressa", diz Rubens Alves. A minha não tem tanta pressa assim. Ela deseja se acalmar. Deseja abrigo. Deseja profundo. Deseja silêncio. Deseja tempo. Quer poucas coisas do futuro. Não olha mais além dos rochedos. Já sabe o valor deste olhar. Precisa de pessoas verdadeiras, autênticas, inteiras. Talvez até queira muito em pouco tempo. Quem sabe? E como um chapeleiro maluco, quer fazer as pazes com o seu tempo. Aprender a ouvir a sua morte, e assim fazer a velhice valer a pena...

CVaz – agosto 2020



As mãos do artista V – Henry Moore

Verdejar e envelhecer são os movimentos de variação, da árvore e do sujeito, responsáveis pelo processo de diferenciação pelo qual passa toda a vida, como um devir velho da velhice e um devir verde da árvore, verdadeiros criadores dos modos de ser árvore e de ser velho.

Essa abordagem nos leva a um outro modo de pensamento quanto ao que se apresenta como “velho” no contemporâneo. Implica dizer que o processo de envelhecer, como transformação constante, é constitutivo de cada pessoa em particular, o que significa que não podemos tomar a qualidade de “velho” como uma identidade, mas sim como processo de criação de si.

O processo de envelhecimento precisa recuperar sua veia diferenciante, que garante encontrar, no seu campo de afectos¹⁰ e de encontros, as linhas de criação de novos modos de vida.

¹⁰ A noção de afectos é discutida por Deleuze em seus trabalhos sobre Espinosa; e apresenta essa grafia com “c”, ao invés de ser escrito “afeto”, pois visa marcar uma diferenciação com a noção de afeto vinculada a sentimento. O que Deleuze define por “afectos” são modos de sentir que não pertencem a um sujeito, mas são como blocos imanentes que o atravessam a todo o momento. (Azevedo & Niquetti)

Velhice-doença

Amar o meu corpo é um ato de resistência (Cely Costa)

Es aqui um grande desafio! Talvez um dos maiores que já enfrentei. Desde cedo a vida me desafiou a entender e amar o meu corpo. Lutar contra a linguagem do ser, da identidade, dos contornos fixos “mulher”, “bela”, “corpo perfeito”. Agora, além deste contorno aparecem outros “velhice normal” como sinônimo de “saúde perfeita” e “envelhecer jovem”. Assim, amar e admirar as minhas mãos é um ato de resistência.

Isto sugere que a elaboração de um ideal de velhice normal é profundamente influenciada por características de um estereótipo jovem, o que se torna claro pelos manuais de envelhecimento, os quais propagam a permanência de características ditas joviais por toda a vida.

Tais afirmações parecem evidenciar que o binômio doença/velhice defendido pelas ciências médico/biológicas é um esforço de dominação e controle da vida, tentando evitar as modificações que são inerentes a ela.

Trata-se, desse modo, de uma negação e desvalorização que provoca algo ainda mais grave, que é o julgamento de toda forma de vida. Essa atitude autoritária provoca a depreciação de todos os modos de vida que escapam do modelo dominante, ignorando as estratégias singulares de invenção de velhices.

Deleuze alimenta-se da fonte nietzschiana para insistir que o modo pelo qual nos relacionamos com as dificuldades, as mudanças e os sofrimentos indica nossa postura diante da vida, seja ela de superabundância ou empobrecimento.

“Aqueles que sofrem da superabundância de vida” fazem do sofrimento uma afirmação, como da embriaguez uma actividade; na laceração de Dionísio reconhecem a forma extrema da afirmação, sem possibilidade de subtração, de excepção nem de escolha. “Aqueles que sofrem, pelo contrário de um empobrecimento de vida” fazem do sofrimento um meio de acusar a vida, de a contradizer, e também um meio de justificar a vida, de resolver a contradição. (Deleuze, s.d., pp. 26-27)¹¹

Podemos reconhecer todo esse movimento em algumas falas que ouvimos com frequência em nosso cotidiano. É tão comum alguém dizer: “Tendo uma vida cheia de ocupações, não se envelhece!” ou “Você nem parece tão velho assim!”, ou ainda “É um velho de espírito jovem!”. Num primeiro momento, essas expressões não parecem dizer muito; no entanto, sinalizam um modo de ver a velhice que sustenta toda uma prática com relação ao lugar do velho no contemporâneo. O que percebemos é que a embriaguez com a vida, na forma como ela vem, é constantemente negada por nós enquanto não aceitamos seus processos.

Envelhecer tem suas relações peculiares com o sofrimento. Entretanto, cabe perguntar o que é grande demais nesse sofrimento: a condição de ser velho e frágil perante a sociedade ou dar-se conta da potência intensiva da própria vida?

¹¹ Deleuze, G. (s/d). *Nietzsche e a filosofia*. Porto, RES Editora.

Por que ser velho parece ser uma injustiça da vida? Que ideia transcendente é essa que julga ser o imprevisível perigoso demais, a ponto de nos munirmos de remédios a qualquer novo acontecimento que nos convoca?

O sofrimento e algumas adversidades que transpassam esse envelhecer tornam-se bons encontros, quando se aprende, com certa prudência, a experimentar novos modos de sentir, novos modos de agir e de criar vidas. É assim que se produz saúde.

Quem sabe não é agora que possuo toda a loucura e me faço mulher¹². Uma mulher mais plena. Uma mulher inteira que envelhece. Seria uma espécie de loucura envelhecer? Para Rita Lee sim. Sim, é muito louco envelhecer. Precisa ter coragem. Eu que quero muitas coisas: mar, pedras, enseada, muitas águas, rastros e estradas... Eu que não faço planos e sigo os ventos que acariciam a minha face. Eu que fui sempre triste e chorei com palavras os meus lamentos. Eu que busco um amor que não me reconhece, não me encontra, não acontece. Eu que delírio em versos e vou cortando os meus pedaços e sigo sangrando, sangrando... Eu que perdida nos meus labirintos cometi muitos enganões. Eu que atravessei muitos abismos e enfrentei o meu demônio. Cruel e zombeiro, que me persegue, me provoca, me estremece. Eu que abracei todas as minhas pedras. Eu que ainda me surpreendo, me descontruo, me assombro, me desnudo. Eu que suportei o meu punhal afiado atravessado nos meus afetos, eterno, eterno... Quero envelhecer poeta e enlouquecer contigo nas entrelinhas dos meus versos, nas minhas águas turmalinas, na minha praia de menina. Eu que te busquei em sonhos e lutei para te conquistar com este meu amor tão poético. Preciso de coragem para continuar envelhecendo rasgando o meu peito e amar na loucura que me perco. Será que poderemos escolher os nossos encontros? Ainda terei tempo para dizer que te amo? Envelhecer são tantos espantos! Loucura mesmo, mesmo: é continuar te amando sem o teu consentimento... Como consolar este pranto?

CVaz – agosto 2021
(releitura do poema “Nada vos oferto” de Ferreira Gullar)

Queremos com isso explicitar que o envelhecer é o movimento por onde se combinam afectos, em que partes extensivas de um corpo se compõem com partes extensivas exteriores a ele, engendrando relações que exprimem os modos pelos quais cada vida se apresenta. Eis aqui um aprendizado: descobrir quais relações aumentam e quais diminuem a própria potência, e esse processo em nada depende dos atributos que definem um corpo, um sujeito.

¹² "Inteira como um coice do universo" de Claudia R. Sampaio

Envelhesejando...



As mãos do artista II – Henry Moore

Não temos aí uma velhice que represente um fim, uma limitação, mas, ao contrário, um ponto de alargamento, de criação, numa luta consigo mesmo, com a própria força. Força de um andarilho que sobreviveu a diferentes tempos: que atravessou guerras, que suportou vírus, que aprendeu a cuidar de si. Isso porque colocou à prova os seus limites, na medida em que acolheu a vida na multiplicidade de suas expressões.

Nesse sentido, entendemos que não é possível conservar-se, mas sim acolher o que vem, diferenciando-se a partir de regras facultativas germinadas de si. É isso um envelhecer como potência de vida, a invenção de uma grande saúde.

Envelhecer, nessa perspectiva, é diferenciar-se de si mesmo, é o aprendizado dos bons encontros. Não se trata de abandonar o corpo, ignorar as características que o definem, pois o corpo enquanto organismo é o substrato vital que garante seu próprio processo de diferenciação.

Mosaico

A infância teve o cheiro de maresia do mar de Marudá e o gosto de um sonho de valsa. Da adolescência guarda uma luta desigual e injusta e o seu primeiro amor. A vida adulta era cheia de sorrisos, cores e festas até o dia que caiu no seu primeiro abismo. Na maturidade colecionou versos e afetos, viveu alguns desastres e encontrou o seu grande amor. Agora na velhice deseja celebrar alguns milagres, louvar o seu amor mais poético e aceitar os rochedos do seu deserto.

CVaz –setembro 2021

O que chamamos aqui de criar saúdes não passa pelo julgamento dos bons comportamentos defendidos pela ciência. Para além disso, essa criação acontece quando se pergunta pela potência presente em cada sensação que se vive; pela potência presente numa doença que afeta e que parece ser grande demais. envelhecer é um devir, devir sempre outra coisa diferente de si mesmo. Devir-velho é devir um acontecimento, uma brisa, é compor-se com o passo lento, é aprender a verdejar e criar saúdes.

Envelhecer é olhar para minhas mãos e buscar outras mãos (envelhecidas ou não) que provoquem bons encontros, entrelaçamentos, apoios, gestos ou simplesmente toques e afetos e com isto acolher o que virá num

movimento nômade de multiplicidade. Os caminhos vários do meu rizoma, a expansão do meu território...

Para pensar o meu devir-velha inventei a palavra “envelhesejar”. Ser poeta é o meu afecto mais íntimo, de maior potência neste meu envelhecer. O que vai me atravessar, diferenciar-me de mim mesma, o meu tornar-me, o que serei capaz de fazer com o que virá, experimentar a minha potência e produzir o meu desejo de velhice. Aprender a envelhesejar e ir envelhesejando...

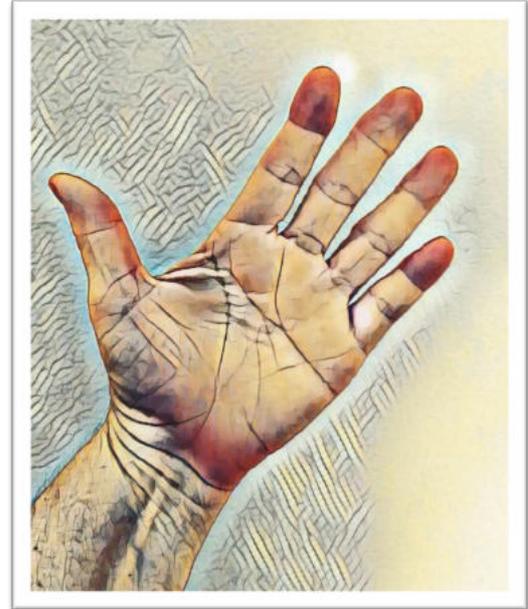
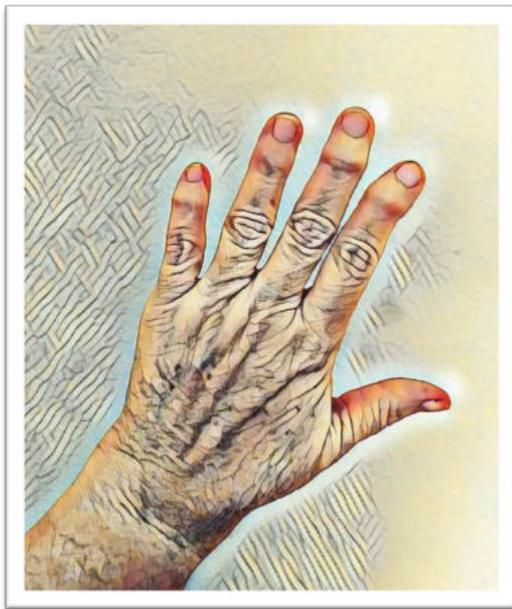
O que me espera por detrás daquela porta? Caminhos não há, mas quero acreditar que os sonhos os inventarão. Qual será a viagem que se inicia? Será uma clara encantação? Quais serão os mistérios que ainda restarão? Nada me ofereço além dos versos de que me alimento. Nada carrego além do meu próprio sentimento. Mar, pedra, demônio: os labirintos que vou desvendando. O que a noite encobre? Paraísos? Abismos? Nada levarei além das mortes que abrigo. Nada darei além do amor que trago comigo. Por quais mares navegarei? Em qual pedra descansarei? Qual demônio mudará o que desejei? Quais rastros deixarei? Terei tempo de sonhar o que ainda não sonhei? Ousar o que nunca usei? Encontrar o que sempre procurei? Nada espero, com as incertezas edifico o meu destino. Nada me nego, com a minha poesia me ilumino.

CVaz – julho 2021

As mãos que envelhesejam



Mão esquerda de CVaz



Arte da mão esquerda de CVaz

Hoje abracei as mulheres que me habitam: a mãe, a irmã, a filha, a matemática, a amiga, a amante, a deficiente, a poeta... Muitas de uma só. Plural e vasta. Cada uma misturada na outra que é quase impossível saber quando sou uma ou outra. Mulheres que construí com dor, amor e muita luta. Luta por espaço. Luta por pertencimento. Luta para ser quem eu sou. Escuto as suas vozes, seus lamentos e suas canções. Todas exigindo respeito. Exigindo liberdade. Pedindo passagem. E declamando os seus versos. A Elas devo quem fui, quem sou e quem serei. A Elas devo a minha força, os meus sonhos, os meus delírios. Elas são os meus poemas mais lindos. Elas são o de mais verdadeiro que trago comigo e posso oferecer. Agora uma outra mulher surge (talvez a derradeira). Mais serena. Mais madura. Mais amiga. Mais poética. Aquela que veio preparar a despedida. A Ela ofereço o meu amor mais terno e experiente. A Ela ofereço o meu último momento. Poeta Ela serei poema e tempo. E espero honrá-la nesta travessia. Dela quero mais sabedoria e compaixão para que juntas possamos enfrentar o mais difícil dos mistérios. Com Ela envelhecerei e fecharei o ciclo do meu tempo. Abraço a mulher que me tornei e sigo em frente com a que serei...

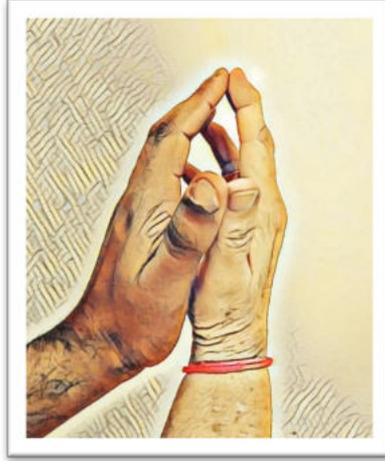
CVaz- março de 2021

As mãos que envelhesejam juntas



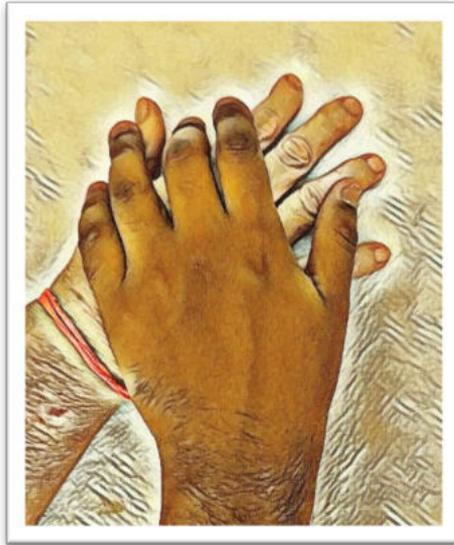
Nas tuas mãos
meu espaço sagrado
águas subterrâneas
nossos laços
Nos meus, os teus segredos
No teu silêncio, a minha solidão
Nosso (a)mar cheio de rochedos
Nos teus, os meus medos
Na praia, a tua canção
Na minha boca
todos os desejos
Na tua, sal e maresia
Nas minhas mãos
areia escorrendo
O meu tempo no teu
Nas tuas mãos
as minhas
quietas, à espera
da tua emoção

CVaz – dezembro 2021



Mãos que se encontram
para selar com o outro
Num tatear amoroso
Uma promessa
Na minha, o teu afeto
Na tua, a minha prece
Entrelaçar as nossas orações
Num único gesto
E te deixar sentir
De um jeito só meu
Todos os segredos
Desta saudade errada
Que ainda escorre
Entre os nossos dedos...
Sonhar ao encostar
a tua mão na minha
Tocar naquilo que não vejo
Um amor calado em segredo
Mudar o nosso destino
Com um breve gesto
Desvio desejado nos teus desígnios
Marcar o traço do meu amor
nas tuas linhas
Num trajeto imprevisível
De afetos e sortilégios
Olhar novamente
As minhas mãos
Nas tuas
E reafirmar o pacto
Do gesto um dia interrompido
Não duvidar jamais deste amor
tão poético e definitivo

CVaz – dezembro 2021



Envelhecer contigo
Um sonho antigo
Segurar na tua mão
Na hora derradeira
Entrelaçar nos meus os teus dedos
E não ter medo
Envelhecer contigo
Ter a certeza
que a tua mão fina e delgada
Num toque suave e amigo
Encobrirá a minha
Num adeus sem despedida
Envelhecer contigo
Minha prece,
Meu único pedido.

CVaz- dezembro 2021